

Engajamento político literário no plano teórico- conceitual benjaminiano

Political engagement on the benjaminian theoretical
conceptual plane

Rodrigo Rocha Rezende de Oliveira
UFU

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99640>

Resumo

O artigo pretende resgatar alguns dos princípios que constituem o exercício de crítica literária de Walter Benjamin (1892-1940) que, por seu caráter eminentemente filosófico e retórico, desenvolveu seus pressupostos hermenêuticos e reflexivos tendo por base a íntima conexão das formas estéticas e o discurso analítico. A partir disso, não somente pôde explorar diferentes modos de apresentação para seus escritos de crítica literária como, por conseguinte, aliou um forte engajamento político, disposto em uma configuração muita das vezes sibilina, em que a fortuna das imagens e alegorias deve nos levar a cenários argumentativos de completa imersão nos próprios objetos estéticos a que se dedica. Nesse sentido, dentre uma imensidão de entradas e saídas a que seu pensamento nos possibilita, iremos nos dedicar especialmente às questões da história, da leitura política que faz das narrativas e, especialmente, da intermediação que a linguagem poética configura nesse contexto.

Palavras-chave: Crítica literária; Hibridismo forma/discurso; Walter Benjamin

Abstract

The article intends to rescue some of the principles that constitute that exercise of literary criticism by Walter Benjamin (1892-1940) who, due to his eminently philosophical and rhetorical character, developed his hermeneutic and reflective assumptions based on the intimate connection between aesthetic forms and the analytical discourse. From this, his was not only able to explore different modes of presentation for his literary criticism writings but, consequently, he combined a strong political engagement, arranged in a configuration that is often sibylline, in which the fortune of images and allegories should lead us to argumentative scenarios of complete immersion in the very aesthetic objects to which he dedicates himself. In this sense, among the immensity of inputs and outputs that his thought allows us to make, we will dedicate ourselves especially to questions of history, the political reading of narratives and, especially, the intermediation that poetic language configures in this context.

Keywords: Literary criticism; Hybridity in the form and discourse; Walter Benjamin

*A crítica tem de falar na língua dos artistas. Pois os conceitos do cenáculo
são senhas. E somente nas senhas soa o grito de batalha.*

Walter Benjamin

Anacronismo como dispositivo hermenêutico para tradição dos oprimidos

A epígrafe que escolhemos para introduzirmos nosso artigo foi retirada de “A tarefa do crítico em treze teses”, texto publicado por Walter Benjamin nos anos de 1928, que faz parte de um conjunto de textos-imagem nomeado *Rua de mão única*, em que o autor explora uma série de recursos literários e uma escrita poético-imagética que lhe será muito identificada. Na sua defesa, para que haja uma modulação linguística no discurso crítico, indo na mesma direção que o “modo de falar dos artistas”, enxergamos o pretexto exato para retomarmos a leitura da sua tese de doutoramento sobre os primeiros românticos, escrita dez anos antes. Consideramos esta aproximação, entre escritos de épocas distintas, com a finalidade de medirmos o alcance de suas repercussões na configuração teórico-conceitual da crítica literária benjaminiana, conforme se desenvolveu nos anos posteriores, fazendo-nos valer de um contínuo. Ou seja, se foi na tese sobre *O conceito de crítica de arte no Romantismo Alemão*, iniciada em 1918, que o autor chegaria à conclusão de que a reflexão crítica deveria se tornar, em suma, poesia, a certeza de que a observação das formas estéticas está vinculada ao pensamento reflexivo sobre a arte é uma centelha para que esse fogo alastre desde aí. Aliás, a metáfora do fogo não nos ocorreria por acaso, quando sim sobrevêm enquanto pretexto para que nos encaminhe à outra citação que é, de fato, incontornável.

No trecho que reproduzimos a seguir, presente no título “As afinidades eletivas de Goethe” de 1924, o intelectual busca converter, então, a própria “batalha”, travada no espaço da crítica literária, em um tipo específico de combustão que viria acender de maneira decisiva seu repertório de imagens do pensamento (*Denkbilder*):

[...] a história das obras prepara a sua crítica e, em consequência, a distância histórica aumenta o seu poder. Se, por força de um símile, quiser-se contemplar a obra em expansão como uma fogueira em chamas vívidas, pode-se dizer então que o comentador se encontra diante dela como o químico, e o crítico semelhantemente ao alquimista. Onde para aquele apenas madeira e cinzas restam como objetos de sua análise, para este tão somente a própria chama preserva um enigma: o enigma daquilo que está vivo. *Assim, o crítico levanta indagações quanto à verdade cuja chama viva continua a arder sobre as pesadas achas do que foi e sobre a leve cinza do vivenciado* (Benjamin, 2018, p.13-14, grifo nosso).

Como podemos observar, a visão do crítico, o “alquimista”, que corresponde ao pensamento do próprio Benjamin, está atenta, sobretudo, a uma faixa limítrofe entre o que está morto e o que permanecerá vivo, a ser revelado, justamente, pelo “teor de verdade” das obras. Na continuidade iminente às forças expressivas que as comportam o “teor” em questão permanece intensificado desde a sua origem até o tempo presente, invadindo, deste modo, o lugar histórico e político, em que seu intérprete está posicionado. Acerca do que, não tenhamos dúvida, Benjamin fez jus ao pensamento romântico na sua própria atividade como crítico de literatura, muito inspirado por esta mesma metodologia goethiana, claro, a partir de adaptações pertinentes ao seu contexto. Ao colocar suas limitações à prova e sustentar um conceito de crítica de arte como produto de sua dignidade filosófica, a ser depurada, digamos, por um leitor capaz de verter seu arcabouço teórico a este estatuto, o filósofo traçou os caminhos que vão do pensamento romântico à tradição que lhe responderia. Afinal, por

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

meio de uma leitura que não somente assegura um roteiro determinado no ingresso às problemáticas pertinentes ao interesse estético dos poetas românticos, encontramos na abordagem que tece a apresentação de um romantismo politizado, que inclusive possibilita a formulação de respostas amplas, a serem retomadas em um caminho aberto à modernidade. Deste modo, Benjamin nos dá a ver um romantismo que dispõe de uma crítica a ser incorporada no engajamento político-literário nas suas últimas consequências, principalmente, ao fazer uso de seu *modus operandi* na elaboração escrita que desenvolveu ao longo das décadas em que produziu seus textos de crítica.

Ao contrapor o status burguês de instrumentalização da linguagem, estratificação social através dos aparelhos midiáticos e a consequente uniformização da mentalidade informativa, impregnada na atividade rotineira da imprensa de sua época, ao poético, Benjamin estabelece uma dialética entre sua posição e a romântica, com vistas para uma crítica estético-política correspondente. O modo como compreende o conceito de crítica de arte no romantismo, enquanto parte do “nosso” tempo, parece-nos conferir uma afinidade intensa entre seu arcabouço teórico e os problemas que enfrentaram os irmãos Schlegel, Novalis e outros, levando a sua abordagem ao encontro do caráter de engajamento a que nos referimos. Para destacarmos, então, a relevância de tal aproximação e sua afinidade com esta tradição, gostaríamos de nos remeter, em primeiro lugar, a uma carta que escreveu para Ernst Schoen, datada de 1918, na qual Benjamin escreve o seguinte:

O próprio conceito moderno de crítica nasceu do conceito romântico; mas nos românticos “crítica” era um conceito totalmente esotérico, que assentava sobre pressupostos místicos no que se refere ao conhecimento, e que, poetas da época e posteriores, um conceito de arte novo, que em muitos aspectos é o nosso (Benjamin *apud* Witte, 2017, p. 39).

Na afirmação em destaque, além de termos reforçada toda importância conceitual do plano filosófico do romantismo sob a consideração de Benjamin, está posto à vista outros dois importantes direcionamentos indicados por seu olhar a que devemos nos remeter. Ponto em que o filósofo irá se apoiar, inclusive, para articular o aspecto de resistência à modernidade pertinente ao contexto em que revela sua leitura, sendo que, qualquer aparente alienação das discussões que levanta quanto ao tempo de resistência ao fascismo cai por terra a partir disso. Falar do engajamento firmado neste tópico, baseados em elementos que extrapolam o próprio tempo em que o crítico estabelece suas investidas sobre o objeto analisado, com vistas a uma terceira via de investigação, onde está desestabilizada, finalmente, a linearidade progressiva da racionalidade analítica, corresponde a um percurso que envolve a tradição, sua interpretação e o porvir. Significa dizer, antes de qualquer coisa, que o modo como escreveu e elencou seus textos, somado à reflexão que produziu, são meios paralelos e integrados à uma política da escrita que está embasada no retorno ao romantismo enquanto fonte de resistência proveniente da própria reflexão estética. Por outros termos, enxergamos que o filósofo inaugurou uma forma única de engajamento ao responder demandas do *tempo de agora* (*Jetztzeit*) (encaradas como necessidade emergente e incontornável da crítica polêmica que exerceu), ao resgatar na tradição e na cultura um espaço de luta irreduzível. Um espaço em que a interpretação das visões de mundo é dirigida aos interesses de classe, assim como, a expressão é reconhecida enquanto uma força determinante na batalha das letras. Enfim, nos termos de “A tarefa do crítico em treze teses”, um dos textos incluídos em *Rua de mão única*: “O crítico é estrategista na batalha da literatura” (Benjamin, 2012, p. 32).

Ademais, para retomarmos a figura do objeto que queima, destaquemos também seu caráter emergencial nesta batalha, porque o crítico há de desvendar, enquanto “teor de verdade”, aquilo que é consumido pela chama

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

e, conseqüentemente, sua atenção com o desenrolar do tempo será necessária, caso queira preservar algo sobre aquilo que o fogo transforma. Por outras palavras, no enquadramento teórico dessa tensão (o fogo que queima e torna emergente o teor de verdade das obras), Benjamin nos direciona para um outro estado de percepção, material e histórico, acerca dos objetos estéticos em análise. Enfim, o filósofo nos entrega uma possibilidade de abertura, às portas de um lugar em que passado/presente/futuro são mobilizados a transfigurar as relações espaço/temporais em função da resistência, seja ao simples esvair, seja à conservação perpétua de qualquer obra que seja, concretizando sua condição histórica. Será a partir disso que inserimos em nossa leitura um ângulo que podemos falar de uma quarta dimensão nas tomadas benjaminianas, a partir das quais esses elementos primários encontram-se móveis, oferecendo-se à montagem, ao cinematográfico, ao mesmo passo que, como vimos, ao histórico-político.

Em suma, vislumbramos um exemplo de como o fazer crítico de Benjamin soergue possibilidades metodológicas que, ao estarem imbricadas no discurso filosófico e sua forma de apresentação, com a finalidade de constituir um pensamento que faz da dialética, entre o objeto mínimo e as estruturas, seu *leit motiv*, combinam os fragmentos recolhidos em uma dimensão outra. O que acontece sob uma determinada adequação da linguagem, elaborada de forma técnica, em torno dos problemas e reflexões que aborda, sempre apontando para o que se esvai, o que “queima” e, enfim, o que é fragmento e se transforma em “insumo” na “fogueira” de uma tradição não linear da história. Ainda, como nas palavras de Georg Otte e Miriam Lidia Volpe, vislumbramos tal pressuposto hermenêutico, sobretudo, ao assumirmos que:

O discurso benjaminiano ganharia, assim, aspectos constelares, uma vez que o uso do mesmo termo em textos cronologicamente e ideologicamente distantes estabelece uma ligação entre eles.

Assim, o termo constelação, que ocupa um lugar importante nas “Questões introdutórias ...” de 1925, pode ser re-encontrado em suas reflexões sobre a história, tanto nos respectivos fragmentos da chamada Obra das Passagens (Das Passagen-Werk), quanto em seu último texto, de 1940, “Sobre o conceito de história”, mais conhecido entre os comentadores como “Teses”. Pareceria que um dos recados desses textos fora o de mostrar que nosso autor não se preocupava muito com as divergências entre as visões de mundo existentes” (Otte, Volpe, 2000, p. 38, grifo nosso).

Poderíamos dizer que Benjamin articula uma crítica que mobiliza as nuances e estranhamentos de ordem histórica, quais são constituintes dos objetos analisados, para que possamos também os materializar, relegando-os à uma reflexão que deles emana, como parte inescapável de uma “combustão” que é própria ao andamento da história. Em paralelo à possibilidade de análise do fragmentário, enxergamos neste mesmo lugar teórico um recurso ao anacronismo,¹ muitas vezes identificado e precipitado pela ótica benjaminiana nela mesma, à qual buscaremos nos referir mais adiante. Seja enquanto atribuição de uma crítica que age, no seu plano de execução, sob os olhares que lança ao passado, também agregado a determinada percepção do agora e o porvir, ou, seja nas viradas mais radicais que emprega, onde esse recurso permite que, novamente, Benjamin possa alargar os domínios de sua análise entre acontecimentos dispersos no tempo. Neste sentido, devemos observar que toda remissão feita, nos artigos que escreveu sobre autores franceses ou alemães, de Gide a Goethe, Proust a Sigfried Kracauer, etc., a um eixo social que embasa seu exercício crítico acerca das temáticas estéticas, despontam para demonstrar tais afinidades políticas e culturais em torno de variantes que podem parecer esquivas. Em virtude de um princípio

1 Lançamos mão do conceito de anacronismo, em nossa interpretação, baseados em um epíteto encontrado nos escritos de Michel Lowy, em que o autor escreve: “Walter Benjamin não é um autor como os outros: sua obra fragmentada, inacabada, às vezes hermética, frequentemente anacrônica e, no entanto, sempre atual, ocupa um lugar singular, realmente único, no panorama intelectual e político do século XX” (Lowy, 2005, p. 13). A partir disso, pensamos nas implicações que nos parecem ser, justamente, desdobramentos diretos de tal afirmação, sendo que, enxergamos que seu resultado estaria diretamente vinculado ao texto das teses *Sobre o conceito de História*, datado dos anos de 1940. Nesse texto Benjamin estabelece o que vai chamar de tradição dos oprimidos, que seria uma alternativa ao discurso hegemônico acerca dos acontecimentos históricos, abrangendo, então, acontecimentos e personagens esquecidos e marginalizados.

que vemos também exposto na leitura do romantismo, a saber, quando este é ilustrado à guisa da temática poética, mas completamente concatenado ao presente da formulação crítica a que o autor se debruça, pautado, então, pelos assombros da guerra e o fascismo.

Enxergamos que as noções de totalidade, absoluto e transcendental, ao qual somos encaminhados nas especulações próprias à crítica de arte romântica, tornam-se, então, um elemento ambíguo: porque sugerem o inefável ao mesmo passo que acionam o modo reflexivo que rompe com a estabilidade do conflito pré-instalado no encontro do indizível e a expressão, dando-nos a ver a importância da filosofia sobre a linguagem que transpassa sua teoria política. Se podemos reunir a crítica romântica ao modo com que Benjamin vai analisar a literatura de sua época durante os anos de 1920 a 1930, devemos dizer que o conflito central para os primeiros, instalado na dubiedade individual/absoluto, reflete uma dubiedade adequada à historicidade pertinente também ao sujeito fragmentado (aspecto central em seu pensamento), que precisa recolher os cacos da memória, no tempo do entreguerras europeu, para que possa vislumbrar a tradição dos oprimidos. O anacronismo, portanto, é interposto a estas dimensões filosóficas, sendo a primeira delas uma constituição da tradição dos oprimidos que, mesmo em pequenos textos de crítica, encerra as preocupações de fundo na sua recepção da literatura, de modo geral. Em segundo plano, o anacronismo seria um recurso que possibilita o autor a, ao estabelecer uma determinada lente para sua proposta de análise, identificar semelhanças transversais às malhas da cultura que perpetuam, ou, o pretendem fortemente, a defesa de uma sustentação ideológica para um discurso unilateral e hegemônico. Na sua contrapartida, o olhar benjaminiano inaugura outro plano conceitual (nas constelações de ideias, na configuração das ideias) que o permite enxergar, nas entrelinhas da história oficial, ou melhor, oficializada, saídas possíveis para redenção dos “náufragos”, esquecidos e rejeitados pelos documentos

registrados nas páginas da “vitória”.

O engajamento político literário benjaminiano, que observamos arraigado nos artigos e ensaios escritos pelo autor, sobretudo, no período que circunscrevemos, é marcado profundamente pelos desdobramentos mais diversos de sua reflexão, reunindo ao dorso de tais apontamentos um forte caráter retórico. Da poética à política, seus apontamentos estão orientados pela consideração das ruínas, da destruição provocada pelos ideais do progresso e, finalmente, pelo ato de “escovar a história a contrapelo”, na busca pelos escombros deixados por aqueles que sustentam um discurso pretensamente vencedor (Benjamin, 1994, p. 225). Princípios que passam a ser o termo articulador de uma interpretação que enfatiza o lamento na sua forma de apresentação crítica, permeada, então, por recursos literários como, por exemplo, o uso de imagens, metáforas e alegorias. Nesse sentido, reiteramos que o traço específico de imersão nos objetos estéticos como dispositivo metodológico para uma construção que se faz da própria experiência artística, exigindo, então, que a elaboração de seu discurso tenha garantida essa atitude frente às obras, é uma película própria ao seu pensamento que compõe filosofia e arte. Viemos defender que o modo de escrever benjaminiano é performativo do seu engajamento político literário e que a reunião de sua técnica ao que é seu discurso nos ajuda, acima de tudo, a estabelecer uma configuração conceitual em torno do assunto porque, justamente, sua forma reflexiva é fragmentária no exercício do fragmento. Recria-se em forma de mosaico para dizer sobre uma subjetividade que se despedaça. Traduz uma história microscópica para falar das mazelas dos grandes discursos que a modernidade busca, de modo fracassado, sustentar. E enfim, revela-nos o instante para estabelecer uma quebra radical com aquilo que é o contínuo na ideologia do progresso, etc.

Da crítica de arte romântica ao engajamento político literário benjaminiano

Nosso objetivo interpretativo é encaminhar o argumento à determinada configuração conceitual presente na crítica literária exercida por Walter Benjamin (1892-1940), sobretudo, firmada por uma trama complexa, estabelecida em diferentes textos do autor, que nos levariam a uma concepção própria de engajamento político literário, presentificado em seu plano teórico. Deste modo, resolvemos falar primeiro do estatuto da crítica no seu aspecto filosófico para derivar tais implicações terças deste grande pilar, sabendo-se de antemão que o conceito foi trabalhado pelo escritor exatamente na sua tese de doutoramento sobre o romantismo alemão. Cabe à nossa tarefa primária revisitar o contexto das discussões em torno da noção no seu pensamento para, no segundo estágio da leitura, atentarmos ao conceito de “crítica literária engajada” em suas possíveis interconexões com esse ponto de partida originário. O viés que defendemos está posto no olhar sobre a passagem entre determinada hermenêutica dos objetos artísticos e o enfrentamento de seu caráter reflexivo, exatamente onde acreditamos encontrar um exercício politizado que é constitutivo deste terreno propriamente estético. Afinal, o conceito de engajamento a que nos referimos está compreendido no exercício da análise literária benjaminiana e contém pressupostos que podem ser descritos e articulados, na sua singularidade e diferença, a partir da percepção que o teórico desenvolveu acerca do seu próprio modo interpretativo dentro desta seara.

Se aceitarmos de partida, assim como afirma Carla Milani Damião, que “o sentido de crítica em Benjamin não está isolado no empenho de sua pena crítica literária, e sim permeado pela reflexão filosófica empreendida em sua tese de doutorado, *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*” (Damião, 2020, p. 11), precisaremos voltar ao texto de 1919. Voltaremos a esse

trabalho para encontrarmos em seu escopo, como veremos, a distinção sobre a qual nos referimos e, posteriormente, traçar suas intensidades conceituais com as noções de política e engajamento literário. Apenas ao retornarmos desta abordagem acerca dos pressupostos que embasam a relação filosófico-literária, que poderemos argumentar a favor de uma crítica literária engajada: o engajamento que reúne crítica, reflexão e conhecimento, para se definir politicamente, encontra-se neste espaço plurissignificativo das esferas que constituem o pensamento benjaminiano. Antes de qualquer coisa, devemos enfatizar que será a partir da constatação de que a crítica filosófica “permeia” a análise literária que o sentido de engajamento no pensamento de Benjamin poderá ser colocado segundo critérios teóricos que denotam um exercício político de intervenção pública. Por força de um pensamento exercido no contato direto com o texto escrito, elevando, assim, ao direito de análise, os seus recursos técnicos específicos; sua fortuna literária propriamente ligada à composição de escrita e seu prisma, digamos, revolucionário.

Em torno do aspecto especificamente metacrítico que desponta no pensamento benjaminiano gostaríamos de destacar a leitura que faz Patrícia Lavelle (2022), no livro de ensaios intitulado “Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento”, em que a autora se dedica exatamente à concepção desse elemento específico. Acreditamos que sua interpretação mais geral poderia ser sintetizada pela seguinte passagem: “[...] se o sujeito do pensamento resulta da capacidade de estabelecer conexões, a experiência anunciada pelo programa filosófico de Benjamin também remete a descontinuidade que resiste ao discurso e ao mesmo tempo lhe confere sentido” (Lavelle, 2022, p. 37). Pensando nisso, devemos acrescentar, ainda, que o aspecto de descontinuidade, conforme aparece nas palavras de Lavelle (2022), põe em jogo um intervalo pertinente ao hiato entre o estofo primordial da linguagem, que não nos deve remeter ao “silêncio anterior às palavras”, mas, despertar-nos “como aquele que atravessa os discursos,

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

permitindo a produção de sentido” e a reflexão crítica (Lavelle, 2022, p. 37). Aspectos que serão interpostos, justamente, a determinado discurso que se perfaz sobre si mesmo. Deste modo, a interpretação pretende assegurar uma anterioridade ao reflexivo, assim como, pretende assegurar um espírito de criação na origem do pensamento crítico, reforçado, sobretudo, por tal premissa mística, na qual aparece configurada uma filosofia da linguagem que lhe é correspondente.

Com essa hipótese inicial, portanto, buscamos demonstrar que tal percepção da crítica literária, relida enquanto discurso politizado que intervém no espaço público, torna-se um forte motivo para falarmos sobre determinado engajamento presente nas interpretações benjaminianas. Muitas delas colocadas pelo autor, em diferentes oportunidades, como núcleo para produção de conhecimento e transformação das formas estéticas enquanto sua tarefa política por excelência. Inclusive, levando-se em consideração tais atributos, apontamos para o caráter de bilateralidade que sua recepção exige, ao abordarmos um texto que expõe o seu sentido através de uma composição que pensa sua forma concomitante ao discurso anunciado, segundo uma performatividade que lhe é própria, por meio de uma dimensão metacrítica amplamente arraigada em seus pressupostos. Por outras palavras, o exercício da crítica literária em Benjamin está posto sob a complexidade de aspectos literário-estéticos a serem enfatizados e desdobrados pela análise, exigindo que seus leitores estejam atentos, especialmente, a uma tradição de escrita que se manifesta sob um amálgama de proposições multidimensionais. Em proposições que se manifestam desde a sonoridade, plasticidade e seu módulo de pensamento, sob os quais tal escrita transforma-se, por fim, em uma poíesis, por ser, justamente, reflexiva e filosófica.

Aqui fazemos referência ao texto de Ezra Pound, *ABC da Literatura*, em que o teórico define o trabalho literário em três elementos básicos: “Contudo,

as palavras ainda são carregadas de significado principalmente por três modos: fanopeia, melopeia, logopeia. Usamos uma palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor ou a saturamos de um som ou usamos grupos de palavras para obter esse efeito” (Pound, 2013, p. 44). A fanopeia sendo, basicamente, uma dimensão imagética que permite à linguagem expressar-se por invenção de quadros de imagens descritos no fluxograma de sua escrita; a melopeia, constituída, então, pela sonoridade recriada na escrita através de articulações internas e cesuras específicas à técnica poética e, por fim, a logopeia, que seria propriamente a face lógica do discurso do poema. Mas isso deve ser considerado apenas como referência mais alargada da construção poético-literária nas proposições que encontramos na crítica benjaminiana, porque, muito além disso, queremos chamar a atenção para o fato de que se trata de uma composição de escrita criativa, que lida com técnica na construção de sua exposição, sem minimizar, seja em qual gênero que esteja expondo suas ideias filosóficas, quaisquer uma de tais dimensões.

Dito isso, observar as imagens; o tom, as metáforas e alegorias, que cada ensaio, ou, artigo, escritos pelo filósofo, venham conter, faz parte do trabalho sobre o engajamento político literário, sem que uma alienação das formas possa encontrar-se sobrepujada por mensagens explicitamente políticas, como, de fato, determinados textos acabam trazendo já nos seus títulos. Sobre esse ponto alguns exemplos claros seriam “Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea *Guerra e Guerreiros*, editada por Ernst Junger”, datada dos anos de 1930, ou, “Melancolia de esquerda. A propósito do livro de poemas de Éric Kastner”, do mesmo período.

De igual maneira, observamos nesses escritos que suas temáticas explanam abertamente uma tomada política, polêmica e de combate ideológico, assim como, no seu miolo, aparece uma preocupação com a análise literária nos seus termos técnicos: no caso da crítica sobre Kastner

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

vemos interposto às sentenças mais radicais acerca de sua despolitização, considerações sobre sua versificação, constituição de estrofes e forma, de modo geral. Ainda, sobre a sonoridade que seus poemas inspiram, Benjamin escreve: “Seu ritmo obedece rigorosamente às partituras usadas pelos pobres milionários para trombetear sua aflição” (Benjamin, 1987, p. 77). Ou seja, em uma sentença ao mesmo tempo metafórica da própria técnica, mas, diretamente relacionada às suas nuances e implicações políticas e sociais.

Nesse sentido, para além do aspecto metacrítico, ressaltamos que são inúmeras as possíveis relações da crítica literária benjaminiana com a poética, ao passo que enfatizamos o sentido de que o texto reflexivo seria uma forma de arte porque recria a obra e dá a esta continuidade desde o aspecto construtivo da linguagem que exerce. Chama-nos a atenção o caráter de atualização das obras por força de uma crítica denominada poética, o que desperta a questão do anacronismo novamente, ao passo que, mesmo o resgate das obras de arte que são interpretadas pelo filósofo, dar-se-ia por este recurso utilizado antes pelo romantismo. Ou seja, Benjamin resgata um princípio teórico daquela primeira geração de poetas alemães a fim de, relidos meticulosamente seus princípios e métodos, responder a demandas que seu tempo coloca à sua frente, não só para estética, como também para história e a sociedade. Sendo assim, além de um anacronismo *lato sensu* (que reúne em um panorama histórico diferentes passagens e quadros da tradição dos oprimidos), encontramos o traço particular de uma leitura que se torna capaz de inspecionar, nas entrelinhas da cultura, intensidades conceituais não cronológicas. Ora, se o autor já havia colocado as conquistas da reflexão romântica sobre a arte como contributo relacionado à atualidade da crítica, seu papel no cenário belicoso e assombroso para o qual se dirigiu seus escritos precisa ser avaliado segundo esta mesma condição.

Nesse mesmo sentido, vale-nos citar um trecho de *História literária e ciência da literatura*, em que Benjamin escreve: “[...] a obra configura-se no seu interior como um microcosmo, ou melhor, como um micro-*eon*. Porque não se trata, realmente, de apresentar as obras literárias no contexto geral de seu tempo, mas sim de levar à representação, no tempo em que surgiram, do tempo que as reconhece — e que é o nosso” (Benjamin, 2018, p. 138). Acerca disso, precisamos antecipar que, com a finalidade de cumprir o método de imersão nos objetos estéticos inculcado na crítica poética dos românticos, em sua presentificação e construção, o crítico lança mão do anacronismo, porque, ao resgatar o “teor de verdade” das obras (Benjamin, 2018, p.12), retrata, no, e, para, o tempo presente, o sentido das mesmas (conforme vimos antes no texto sobre “*As afinidades eletivas de Goethe*”). Por fim, em torno da relação poesia e crítica como criação, podemos citar exatamente *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, na passagem que diz o seguinte:

[...] eles [os românticos] fomentaram a crítica poética, superaram a diferença entre a crítica e a “poesia e afirmaram: A poesia só pode ser criticada pela poesia. Um juízo de arte que não é ao mesmo tempo uma obra de arte, [...] como exposição de uma impressão necessária em seu devir, [...] não possui nenhum direito de cidadania no reino da arte. Essa crítica poética [...] exporá novamente a exposição, desejará formar ainda uma vez o já formado [...], irá completar a obra, rejuvenesce-la, configurá-la novamente” (Benjamin, 2018, p. 77-78).

Os traços que são atribuídos, por Benjamin, ao exercício de crítica literária, ainda nos remete a outra citação encontrada em *História literária e ciência da literatura* que, justamente, exemplifica a função epistemológica que a crítica contém: “Na verdade há uma relação direta entre crise da cultura e o fato de a história literária ter perdido completamente de vista a sua missão mais importante — que foi das suas origens enquanto ciência estética —, que é de ordem didática” (Benjamin, 2018, p. 136). No trecho,

observamos que Benjamin fala sobre a condução da “história da literatura”, mas devemos concordar que fala também sobre algo que pode ser atribuído ao trabalho intelectual de modo geral, uma vez que a politização do meio, como defende nos anos de 1930, no ensaio sobre Siegfried Kracauer, pressupõe um trabalho didático nesta mesma linha de raciocínio. Há outra passagem em que, de certo modo, Benjamin busca evidenciar o valor de conhecimento que a literatura carrega e sua vinculação ao aspecto social que gostaríamos de relembrar, trata-se da conclusão para uma das entrevistas com André Gide, realizada em 1928, intitulada, justamente, “Conversação com Gide”:

Para os alemães, fechados em si mesmos, recolhidos, encorujados, aquele sempre será o modelo, a figura educadora pura que põe em relevo o tipo alemão, como hoje Hofmannsthal e Borchardt tentam fazer. Para os franceses, entretanto, ricos em caráter popular e multiplamente diferenciados em ramificações genealógicas, padronizados em suas virtudes nacionais e literárias de maneira mais rígida e precária do que qualquer outro povo, o grande caso de exceção à moral esclarecida é a mais alta instância educadora. Este é Gide (Benjamin, 2020, p. 178).

Em ambos os casos, seja para alemães ou franceses, conforme explana Benjamin na passagem que sublinhamos, as figuras literárias tomam o lugar da produção de conhecimento muito por intermédio da função didática que a crítica exerce, seja para bem ou mal, em relação à sociedade que leve em consideração. Sem sombra de dúvidas, quando lembramos que a crítica literária em Benjamin está, igualmente, pautada pela “transformação técnica das formas estéticas”, devemos nos ligar àquele que é talvez o texto mais crucial para nós, “O autor como produtor”, onde se lê:

Em vez de perguntar: “Como a obra se situa adiante das relações de produção da época?” “Ela está de acordo com essas relações, é reacionária, ou aspira sua transformação?”; “É revolucionária?”. Em vez dessas perguntas, ou pelo menos antes delas, sugiro outra. Antes de perguntar como uma criação poética se situa *diant*e das relações de produção da época, eu gostaria de questionar como ela

se situa *dentro* delas. Essa pergunta mira diretamente na função da obra dentro das relações de produção literária de uma época. Em outras palavras, ela mira diretamente na *técnica* literária das obras (Benjamin, 2017, p. 87).

A transformação das formas, por intermédio da técnica, eleva, inclusive, ao nível das observações críticas, a importância de sua interpretação na obra, sem que seja minimizada sua influência no grau de politização, ao exigir, como viemos dizer, uma apuração hermenêutica em torno de sua significação, justamente, a partir de tais imbricações enunciadas. Semelhante a isso, o sentido dado à noção de crítica que podemos encontrar na tese sobre o romantismo alemão retrata uma condição de inextricabilidade entre o pensamento e seu fundamento estético: quando, por exemplo, prevê a possibilidade de sobrevida para o exercício analítico na “continuidade das obras”, se realizado não como “dissecação” ou “esquartejamento” das mesmas, mas por meio de uma ação criativa e orgânica, devemos concluir. Uma ação que é realizada, sobremaneira, por uma autoria poética, porque “o verdadeiro leitor deve ser o autor ampliado”; “a crítica é muito menos o julgamento de uma obra do que o método do seu acabamento” e, por este motivo, os românticos assumem na sua leitura da arte, da poesia, este princípio maior (Benjamin, 2018, p. 76-77). Segundo Benjamin, “a crítica é, então, o médium no qual a limitação da obra singular liga-se metodicamente à infinitude da arte e, finalmente, é elevada ao transcendental, pois a arte é, como já está claro, infinita enquanto médium de reflexão” (Benjamin, 2018, p. 76). Sendo que, a crítica é uma atitude de pôr o médio em funcionamento. O “médium de reflexão”, desponta, por fim, como o recurso que garante a sobrevida das obras na “infinitude da arte como Ideia” (Benjamin, 2018, p.76). Acerca do tema, Márcio Seligmann-Silva enfatiza exatamente que:

Benjamin define crítica como “médium de reflexão” (*Reflexionsmedium*). Na medida em que ele pôs esse conceito no núcleo da tese, com todas as suas implicações de crítica ao modelo

da teoria do conhecimento monológico, baseado na simples cadeia de causas e efeitos, e portanto, de crítica também a uma concepção linear tanto do desenvolvimento do conhecimento como também do desenrolar da própria história ele trouxe à tona um debate — a crítica de um determinado modelo de razão e racionalidade (Seligmann-Silva, 2018, p. 11).

Essa consideração é especialmente importante por explorar uma transitividade entre as conclusões tiradas por Benjamin, nos estudos sobre o romantismo, e o próprio modo de pensar benjaminiano e, por conseguinte, o modo conforme se desenvolveu sua atividade com a crítica literária desde o trabalho sobre os *Sturm und Drang*. Tanto quanto por aceitar uma sistematicidade peculiar ao conjunto dos textos do autor, resultante de uma constituição teórica para o conceito que é ulterior à filosofia que lemos (caminho que não pode ser confundido com algo que é consensual, ou, natural, nas interpretações dos textos de Benjamin).² Antes de qualquer coisa, enxergamos nessa indicação uma linha interpretativa que religa a construção conceitual, compreendida na tese, à sua execução concreta em trabalhos posteriores, sendo que, para o ponto de onde partimos, manifestam-se vinculadas a um forte engajamento político literário. Observamos ainda que, como consequência disso, um aparato conceitual relativo às questões aparentemente distantes, seja de cunho epistemológico, ou, estético, estão completamente imersos na política das letras exercida por Benjamin e quando

2 Referimo-nos ao movimento ulterior do pensamento de Benjamin, baseados em uma perspectiva muito próxima daquela que pode ser encontrada no artigo, *Recordar e escavar: a herança sistemática de Fichte no sistema spectral da linguagem em Walter Benjamin*, publicado por Theófilo Moreira Barreto de Oliveira (2019). No texto, o comentador estabelece um panorama de sistematicidade no pensamento de Benjamin, justamente, baseado na interpretação benjaminiana do romantismo alemão, sobretudo de Fichte, que aparece muito no texto de *O conceito de crítica de arte no Romantismo Alemão*. Em determinado trecho, Oliveira (2019) escreve o seguinte sobre a recepção do pensamento de Benjamin: “O que geralmente se faz é conectar e lincar, as ‘infinitas possibilidades de constelações’ e expor uma ordem ao entendimento diversificado de sua filosofia. Todavia, há um problema neste proceder. A multiplicidade que a princípio seria importante e feliz na propagação e compreensão de sua filosofia, principalmente no favorecimento de seus mais importantes desdobramentos, acaba por criar nichos desconexos e monadológicos que subsistem por si só, tornando assim, um ‘universo de constelações mortas’ que estão presentes na realidade, mas que não se comunicam, ou melhor, não iluminam a realidade da qual fazem parte. Afirmamos esta sentença não com a pretensão de rejeitar, reprovar ou ainda desqualificar os trabalhos feitos com base na sua vertente fragmentária que vem sendo apresentada sobre a filosofia benjaminiana, mas sim, afirmamos esta sentença com o objetivo de conectar estes trabalhos, estabelecendo assim, um vínculo necessário para a nossa justificativa enquanto reconhecimento de sua estrutura sistemática” (Oliveira, 2019, p. 5).

vêm à tona, não é por acaso que identificamos, ao seu redor, conceitos que são pertinentes a tais regimes de significado.

Encontram-se neste enfoque problemas de origens diversas e, do mesmo modo que o exercício crítico possui radículas provenientes de variadas matrizes (filosófica ou literária), como vimos destacar, diferentes prismas constituintes da complexidade entre estética, conhecimento, política, metafísica e etc, convergem a um horizonte comum. Todavia, ao seguirmos de perto o argumento levantado por Benjamin na tese, podemos enxergar uma preocupação elementar em distinguir os limites para uma abordagem que o permite falar sobre a crítica como crítica de arte, no mais estrito de seus significados. Sobretudo, isso acontece após reconhecer que a utilização da terminologia marcada por uma leitura feita por Immanuel Kant (1724-1804), por exemplo, ganha atributos que alargam o seu campo semântico para o vasto terreno “esotérico, indicando o ponto de vista sem igual e perfeito da filosofia” (Benjamin, 2018, p. 21). Em última instância, para Benjamin, seria necessário resguardar apenas uma das interfaces que encontramos nas múltiplas relações que a crítica estabelece com o pensamento romântico de modo geral porque, no subtítulo que introduz sua tese intitulado “Delimitação da Questão”, lemos que:

Uma determinação do conceito de crítica de arte não pode ser pensado sem pressupostos gnosiológicos e, tanto menos, sem pressupostos estéticos; não apenas porque estes últimos implicam os primeiros, mas sobretudo porque a crítica contém um momento de conhecimento que pode, de resto, ser tomado por conhecimento puro ou vinculado a valorações. Da mesma maneira, a determinação romântica do conceito de crítica estética também é construída integralmente sobre pressupostos gnosiológicos, com o que não se quer evidentemente indicar que os românticos tivessem extraído conscientemente daí o seu conceito. Mas o conceito como tal — como afinal qualquer conceito que com razão assim seja denominado — assenta-se sobre pressupostos gnosiológicos (Benjamin, 2018, p. 19, grifo nosso).

Ao predispor uma margem bem delimitada para sua proposta observamos que Benjamin isola dois dos diferentes níveis de imbricação que a noção de crítica poderia estabelecer, a fim de, com isso, deixar fixado no horizonte especulativo em questão uma ótica fortemente marcada pela imbricação entre conhecimento e arte. Desse ponto de vista, chama-nos atenção a veiculação, por extensão, de duas esferas que são fundantes na perspectiva benjaminiana sobre a politização da intelectualidade ao delimitar sua faixa de ação desde as suas funções didáticas como algo pertinente ao exercício da crítica. Sendo que, ao confrontarmos os modos de exposição que assumem os textos anteriores e posteriores à tese sobre os românticos, percebemos que eles procuram conduzir-nos sempre a novas formas estéticas como produto genuíno de uma atuação engajada. Concluímos, portanto, que esta politização também está direcionada a um sistema *bivolt* (arte/conhecimento) que tem como malha profunda para expansão de sua energia uma apresentação crítica antenada a todas as tensões que sua tarefa possa despertar.³ Motivo pelo qual, inclusive, empenha-se na construção de novos modos de apresentação dos objetos que escolhe analisar e se debruça, com uma atenção particular, sobre tais formas interpretativas que reaproximam a estética, a poética e as artes ao corpo sociocultural das tensões políticas que lhes são características.

3 Sobre o ponto, vale-nos ressaltar a leitura de “Teses sobre a linguagem do filósofo”, texto escrito pelo jovem Theodor W. Adorno entre os anos de 1920 a 1930, em que curiosamente as perspectivas aqui levantadas acabam se aproximando sobre alguns dos pontos encontrados nas perspectivas dos dois filósofos. Destacamos que em uma breve passagem no conjunto de teses que compõem o texto, Adorno escreve o seguinte: “Toda crítica filosófica hoje é possível como crítica da linguagem, que deve se dirigir não apenas a ‘adequação’ das palavras às coisas, mas também a situação das palavras em si mesmas; deve-se questionar, nas palavras o quanto elas são capazes de comportar as intenções que lhes são atribuídas, o quanto sua força se apagou historicamente e o quanto esta pode ser conservada, por exemplo, de forma configurativa [...] Pode-se formular o crescente significado da crítica filosófica da linguagem como convergência incipiente entre arte e conhecimento. Enquanto a filosofia deve se voltar para a unidade imediata entre linguagem e verdade, pensada até agora apenas de forma estética, e precisa avaliar dialeticamente sua verdade através da linguagem, a arte obtém caráter cognitivo: sua linguagem é esteticamente consonante [*stimmig*] apenas se ela é ‘verdadeira’: se suas palavras existem segundo a situação histórica verdadeira” (Adorno, 2018, p. 490). Ou seja, mesmo que a partir de pressupostos distintos, observamos que o termo de adequação da linguagem crítico-reflexiva e sua forma estética são um valor comum nos planos filosóficos de ambos os autores.

Referências

ADORNO, W. *Primeiros escritos filosóficos*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do crítico em treze teses*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora 34, 2023. p. 32-33.

BENJAMIN, Walter. *Diário parisiense e outros escritos: A nova literatura francesa de Proust, Gide e Valéry*. Tradução de Carla Milani Damião e Pedro Hussak. Editora Hedra: São Paulo, 2020.

BENJAMIN, Walter. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. Tradução de Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2018.

BENJAMIN, Walter. *História da literatura e ciência literária*. Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 2016.

BENJAMIN, Walter. *Karl Kraus*. Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 2022.

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura: Filosofia, teoria e crítica*, Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 222-232.

LAVELLE, Patrícia. *Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento*. Rio de Janeiro: Ed. Puc Rio. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2022.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Tradução de José Paulo Paes; Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, Theófilo Moreira Barreto de. Recordar e escavar: a herança sistemática de Fichte no sistema espectral da linguagem de Walter Benjamin. *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 18 | 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ref/1089>. DOI: <https://doi.org/10.4000/ref.1089>. Acesso em: 26 janeiro 2021.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lúcia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 18, p. 35-47, jan/jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6415>. Acesso em: 26 jan. 2021.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin: uma biografia*. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2017

Submissão: 15/04/2024

Aceite: 09/09/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99640>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*